

Mário Jorge Lima

Estamos em pleno julgamento do famoso caso chamado “Mensalão”, pelo Supremo Tribunal Federal. Como a maioria sabe, esse termo criou-se a partir do maior escândalo político de Governo, vindo à tona em 2005, e dizia respeito a propina e financiamentos escusos que corriam de forma escamoteada, e que beneficiava empresários, pagava por apoios políticos, enfim, um grande *tisunami* político-financeiro que envolveu dezenas de personalidades, algumas, até então, acima de qualquer suspeita.

Já se vão 7 anos desde o momento em que isso tudo veio a público a partir de gravações inicialmente feitas na empresa dos Correios, e que depois apareceu em dezenas de outras. São toneladas de documentos de todo tipo, que mostram a podridão escondida por baixo de uma fachada de respeitabilidade e de honra político-partidária.

Considerando-se a massa dos envolvidos, houve poucas punições políticas até agora, e nessa fase atual o STF, nossa Suprema Corte, se debruça sobre todos aqueles fatos para, segundo a nação espera, julgar de forma definitiva, condenando e absolvendo de acordo com os fatos e as provas constantes nos processos. Alguns dos crimes atribuídos a essa casta de políticos e empresários eram: formação de quadrilha, peculato, lavagem de dinheiro, corrupção ativa, gestão fraudulenta e evasão de divisas. E parece pouco!

Esse país ficou um pouco menor, acanhado, envergonhado com tudo que aconteceu e continua acontecendo. Viu-se desde então um festival de manobras, renúncias, achaques, gravações comprometedoras, verbas escusas oferecidas e aceitas, dinheiro escondido em roupas, em malas, em envelopes, e essa doença terrível alastrou-se e se espalhou em metástases mortais. Hoje podemos dizer que todo o aparelho estatal se encontra infectado.

Eis aí um cenário abjeto, malcheiroso, que, certamente, não é privilégio do nosso país. Em todo o mundo a corrupção daquilo que é correto, justo e verdadeiro, ocorre e deixa manchas e cicatrizes que, infelizmente, entram para a história. E um dos vírus mais maléficos que transmitem essa doença chama-se impunidade, de que se cerca e de que se beneficia a maioria dos envolvidos importantes em casos de corrupção.

Alguns de nossos melhores humoristas, como Chico Anísio e Jô Soares, criaram há muito tempo personagens hilários que tinham tudo a ver com essa triste realidade humana, a corrupção. Eu me lembro do personagem do Jô Soares, um passarinho da espécie “Corruptus” que, incrivelmente, vivia engaiolado - o que não é comum - e que se alimentava de cédulas de dinheiro e se agitava à menor referência a palavras que tinham a ver com corrupção.

Em tempo: corrupto, entre outras coisas, significa degenerado, depravado, coisa podre. A Bíblia, livro de sabedoria milenar, já falava desse comportamento doentio que nada mais é do que um desvio da normalidade. Paulo, o apóstolo, escreveu assim certa vez: “Não vos enganeis: as más conversações corrompem os bons costumes.”.

Sendo assim, tudo começa com uma conversa, com um conchavo oculto, ou seja, “por baixo dos panos”, e que muitas vezes até tem entre seus objetivos algumas coisas que poderiam ser tidas como nobres e desejáveis. E o mais daninho disso tudo é que o anormal acaba virando normal e vice-versa. A coisa fica tão hedionda que opor-se a essa onda maléfica coloca o indivíduo na marginalidade e o torna destoante da maioria.

Na realidade, qualquer ser humano está sujeito a ser corrompido e a corromper outros. Temos que reconhecer que, muitas vezes, os que se mostram indignados contra fatos de corrupção, quem sabe, estariam indignados por não terem tido eles essa chance. Isso faz parte da miséria e hipocrisia humanas, às quais todos podemos estar suscetíveis.

A única maneira de curar essa doença moralmente mortal, ou de diminuir a sua disseminação, é a educação e o exemplo, ou seja, desde a infância, mostrar aos nossos filhos, no dia a dia, que podemos ser, sim, diferentes.

Quando os mandamos dizer a quem nos telefona, que não estamos; quando entramos com eles num mercado e enquanto fazemos as compras retiramos das geladeiras e comemos um iogurte ou pequenas guloseimas, que não pagaremos; quando ficamos contentes porque nos beneficiamos de um erro a nosso favor na conta do restaurante ou do supermercado; quando nossos relacionamentos descaem para a leviandade e enganamos nossos cônjuges à vista deles; quando mentimos no recolhimento de impostos e taxas; quando “espertamente” estacionamos nossos carros em vagas reservadas que não nos pertencem.

Vejam, são muitos atos e atitudes corriqueiras, mas que constituem e configuram transgressões das leis, de normas vigentes, da moral, de bons costumes e da civilidade e cidadania. Assim, sem nos apercebermos, estamos plantando em suas mentes infantis e juvenis a semente maligna da corrupção, que vai germinar lá na frente, com resultados muitas vezes irreversíveis. Pensemos nisso e façamos nossa parte.

